

Coração de 18

de Rafael Poggi

O coração nos prega peças de vez em quando. E não estou falando de uma ou outra palpitação durante a fase madura da vida, o que pode as vezes levar a conseqüências piores, como enfarto; estou falando dos sentimentos, do amor para ser mais específico.

Ah, o amor. O amor é lindo, á mágico, é maravilhoso. Para os poetas, fonte de inspiração. Para os homens, fonte de desespero. Para as mulheres, uma desculpa para se entregarem carnalmente. Sim, é exagero, e peço desculpas por isso. Mas definir o amor em algumas palavras e simples associações não é cabível; simplesmente não é. O amor é mais que isso. O amor é... é indefinível.

E talvez o associem ao coração pelo fato de que o sentimos bater mais forte ao vermos a pessoa que amamos, ou o simples objeto de nosso desejo – o que poderia ser caracterizado como amor. Amor, desejo, paixão... O coração está sempre envolvido com isso. Ora, cientificamente falando, o coração sofre essas variações de batimentos de acordo com nossas emoções para bombear mais sangue ao cérebro, para que ele possa associar tais sentimentos, e também para bombear mais sangue para outras partes do corpo, partes mais baixas, mas isso apenas quando o sentimento *amor* é confundido, ou mesmo associado, ao sentimento *desejo*, vulgo *tesão*

Mas isso tudo não importa. O que interessa é que o coração está lá, bombeando nosso sangue, nos mantendo vivos. E se por acaso ele bate de maneiras diferentes, é apenas uma forma de demonstrar o que estamos sentindo. E muitas vezes isso fica tão perceptível que todo nosso corpo reflete isso e deixa a olhos vistos que alguma coisa não está certa conosco. Seria o que vulgarmente chamamos de “olhar de peixe morto”.

Sim, nossos olhos nos entregam. E a culpa é do coração.

Veja por exemplo meu amigo Gabriel. Sua história é interessante, e um tanto intrigante.

Estávamos no bar do clube num desses sábados de sol de outono, quando a temperatura não é tão elevada para precisarmos nos satisfazer numa piscina, mas o sol é convidativo o suficiente para alguns goles de uma cerveja geladíssima – que, confesso, poderíamos estar saboreando num quiosque no Leblon, mas a praticidade do clube, mais perto de nossas casas, era um diferencial – que no verão não faria a menor diferença, pois com certeza estaríamos na praia! Conversávamos sobre muitas coisas interessantes... ou pelo menos procurávamos algum assunto que valesse mesmo a pena ser conversado – nada que atrapalhasse nosso simples ato de sentar numa mesa de bar e beber algumas cervejas – quando percebi os olhos de meu amigo fixados por de trás de meus ombros.

Ele estava estático, seu rosto empalidecera e seu sorriso característico dera lugar a uma boca cerrada. Sua respiração começou a se alterar e eu comecei a temer que ele tivesse algum tipo de ataque neuro-muscular, sei lá.

Resolvi seguir a direção de seu olhar e logo a resposta surgiu: ele avistara vindo não tão de longe Daniela, uma menina de 16 anos, linda, loira, olhos verdes e sorriso largo. Seu corpo era perfeito – tão perfeito aliás que se ela não se cuidasse, aos vinte e um poderia estar horrível. E não estou exagerando.

Mas o caso dele, Gabriel, ter reagido daquela forma ao avistar Daniela me era óbvio. Ele simplesmente era apaixonado por ela. Bem, ele negava, dizia já ter superado aquilo, mas eu tinha certeza de que ele ainda sentia algo por ela. Por isso resolvi perguntar:

- E seu caso com ela? Já resolveu?
- Como, se ela nem fala comigo?!
- Tu tá exagerando.

Mas ele não estava. E a prova que eu tive foi quando ela se aproximou de nós na mesa e veio direto me abraçar forte, me beijar no rosto e exclamar em meu ouvido:

- Henrique, meu amor!

Sim, eu era seu amor. Seu amor platônico, se assim puder chamar. Não que eu fosse apaixonado por ela, ou vice-versa. Éramos super amigos um do outro, a mim ela confiava seus mais sérios segredos. E venho agora aqui afirmar, ao contrário do que a maioria pensa, que um homem e uma mulher, independente da idade, podem ser sim muito amigos sem que o fator sexo esteja presente em seus sentimentos. Sim, eu a achava atraente – não sei se a recíproca era verdadeira – mas não chegava a ter sonhos molhados com ela, nem sequer já havia me insinuado. Ela era apenas minha amiga. Uma boa amiga. Boa no sentido mais óbvio e não maldoso da palavra.

Mas, voltando ao caso, não, Gabriel não estava mesmo sendo exagerado. Em contrapartida ao carinho que ela demonstrou para comigo, para meu amigo ela apenas dirigiu um sério e até seco olhar e se foi depois de me dizer que iria encontrar com Juliana, uma antiga paixão minha. Mas isso é outra história. No momento o que me preocupava era Gabriel.

- Meu irmão, eu não pensava que a coisa táva nesse nível!
- Só pra você ver.
- Ah, eu tenho que ajudar você a resolver isso.
- Nem pense.
- Mas eu quero, ora! Tenho que te ajudar.
- Como?
- Não sei. Por que não me conta direitinho como tudo começou?

E ele contou; em meio a mais algumas garrafas de cerveja. Eu já estava por dentro da história, principalmente através de Daniela, mas as minúcias do sentimento de Gabriel só ele mesmo podia me contar.

- Bem tudo começou mais ou menos há dois anos... – ele começou. – Na época eu pensei que ela fosse daquelas meninas metidinhas, riquinhas e mimadas, por isso eu evitava olhar muito para ela, e quando eu olhava, evitava ao máximo que ela percebesse, porque eu tinha certeza de que uma garota como ela não iria querer nada comigo.

“Mas o destino estava contra mim e eu não consegui mais tirar ela da cabeça. Era na praia, no clube, até mesmo na escola. Eu só pensava nela! Nem depois que entrei na faculdade eu me esquecia daqueles olhos verdes, daqueles cabelos ondulados...”

“Aos poucos eu fui me aproximando dela, você sabe, mas não por querer, e sim por simples coincidências, sei lá. Eu esbarrava com ela em tudo quanto era lugar e ela sempre vinha falar comigo, sempre sorrindo, e eu fui percebendo que a tal garota mimada e metidinha não existida, que era pura fantasia minha, um medo. Eu percebi então que ela era a pessoa mais legal do mundo e só o fato dela existir já era suficientemente importante para mim.”

- Isso é ridículo!

- Eu sei, mas era assim que eu pensava. Eu... eu só tinha olhos para ela, tanto que não conseguia olhar para mais nenhuma garota.

Isso era mesmo verdade, tanto que não me lembro mesmo de tê-lo visto “pegando” alguma garota nos últimos três anos. E olha que oportunidades não faltaram, como o Carnaval e diversas noitadas.

Mas meu amigo estava mesmo deslumbrado, culpa de seu coração. Estava cego para muitas coisas, inclusive algumas importantíssimas, que diziam respeito a própria Daniela. E uma delas ele apenas foi descobrir numa conversa com nosso amigo Allan, quando num domingo de muito calor eles estavam na piscina do clube e admiravam à distância a beleza de Daniela, que conversa com Juliana e outras meninas. Allan percebeu que Gabriel não tirava os olhos dela e perguntou:

- E aí? Já pegou?

Certo, era uma pergunta inocente, mas feita de maneira grosseira. Enfim, éramos adolescentes e para dizer a verdade, o uso de expressões menos grosseiras não faria a menor diferença.

- Não, claro que não – respondeu Gabriel. - Na verdade, acho que nunca vou ter chances com ela.

- E por quê não?

- Sei lá. Talvez porque ela tenha minha idade e só quer saber de caras mais velhos...

Foi aí que Allan começou a rir. – Sua idade?! Ah! ela tem quatorze anos!

E foi aí que Gabriel caiu na realidade. – O quê?! Para mim ela tinha uns dezessete, dezesseis no mínimo.

- Não, ela tem quatorze.

- Mas como ela pode ter quatorze com todo aquele corpo?

- Acontece. Pra mim não tem defeito.

- Pra você não teria defeito nem se ela tivesse doze, seu papa-anjo!

Era verdade. Allan era o maior papa-anjo que eu conhecia. Para se ter uma idéia, ele tinha 20 anos e namorava uma menina de quinze. Bonita, meiga, inteligente, mas tinha quinze anos. Nada que fizesse diferença dali a dez anos, mas por enquanto, era até estranho. Preconceito? Talvez. Mas eu não me via nesse caso.

- Mas parando para pensar – disse-me Gabriel enquanto me contava a história – até que dava pra perceber que ela tinha quatorze sim, com aquelas atitudes infantis de vez em quando...

- E foi aí que você resolveu mandar aquelas cartas?

- Não, não foi bem aí. Mas eu me lembrei de um amigo meu que tinha inventado uma identidade secreta para mandar cartas para uma menina que ele gostava quando tinha doze anos. E deu tudo certo.

- Mas ele tinha doze anos.

- E teve coragem de fazer isso. O que podia dar errado pra mim então?

Na época ele não podia mesmo prever. Era tudo ou nada.

- Mas ao contrário de meu amigo – disse Gabriel – eu não inventei nenhuma identidade não, eu simplesmente não assinava as cartas.

Pode parecer estranho um cara de dezoito anos ficar enviando traduções de músicas, poemas e declarações rasgadas para uma garota, mas não censuro Gabriel. As meninas gostam dessas coisas. Claro que na frente das amigas elas podem ridicularizar esse tipo de atitude – o que pode deixar um cara completamente arrasado por toda sua vida – mas no seu íntimo, elas gostam.

- Eu até escrevi pra ela um poema! – exclamou meu amigo. – O título era “Coração de 18”.

- Eu sei, e era lindo!

Ele me encarou um tanto atordoado.

- É, eu li sim. Ela me mostrou. Ela me mostra tudo, aliás. Me mostrou todas as suas cartas.

- O quê?!

- Calma, não foi só as suas cartas não. Ela me mostrou cartas de garotos que escreviam pra ela desde que ela tem doze anos! E é carta pra caramba!

- Então tô ferrado; sou só mais um na coleção.

- Não mesmo. Pode confiar, ela guarda suas cartas com carinho.

- Mesmo?

- Sério! Ela diz que sempre as lê quando está sozinha e deprimida.

- Ótimo! Inventei um antidepressivo sem efeitos colaterais e continuo pobre.

- É...

- Pelo menos as cartas serviram pra alguma coisa...

Era preciso dar o braço a torcer; o garoto tinha o incrível talento de rir da sua própria desgraça.

- E falando nisso, como é que ela descobriu que era você quem enviava as cartas?

- Ela não te contou?

- Juro que não.

- Provavelmente para me poupar desse ridículo.

- Foi tão ridículo assim?

Ele riu de si mesmo e fez que não.

- Conta logo!

- Bem, teve uma noite na boate...

E eu me lembro dessa noite como se fosse ontem. Eu estava na cabine de som – caso ainda não tenha dito, sou DJ amador e de vez em quando dava uma palhinha na boate lá no clube – e mesmo concentrado nas pick-ups (vulgos toca-discos) eu pude notar

uma cena que se passava bem ali em frente. Claro, eu não podia escutar o que conversavam, mas pelas expressões, principalmente no rosto de Gabriel, dava para ter uma certa noção. E agora Gabriel me confirmava tudo...

- Oi, tudo bom? – disse Gabriel a Daniela, que estava vestida lindamente ao bar, conversando com Ricardo, um amigo nosso que também era DJ.

- Oi, tudo jóia?

E não se tocaram, mas para Gabriel apenas o sorriso dela bastava. Ainda.

- Fala Ricardo! O que estão tramando aí?

- Do som da festa de quinze anos da Dani.

- E é você quem vai fazer o som?

- Não, eu tô meio parado. E pra festa da Dani tem que ser um som de primeira.

- Mas você é bom!

- Foi o que eu disse pra ele – afirmou Dani.

- Mas você precisa de um profissional. É sua festa de quinze anos. Além do mais, eu vou ser um convidado. Não vou querer ficar trabalhando.

- É verdade – disse Gabriel. – E falar nisso, senhorita Daniela, a senhora vai dar um festão e não vai me convidar?

- Fica frio que seu nome já tá na lista.

Foi ai que algo mágico aconteceu. Bem, mágico para Gabriel, se assim pudermos chamar. Foi tudo muito rápido, quase de relance, mas para Gabriel durou uma eternidade. Aquele toque, aquela carícia de Daniela em sua mão foi um êxtase para ele, que agora tinha cada vez mais certeza de que ela correspondia aos seus sentimentos.

- Tudo legal, muito bonitinho, mas o senhor ainda não me respondeu como foi que ela descobriu que era você quem escrevia as cartas! – afirmei.

- Você não deixa eu terminar de falar!

E sem explicar qual o gancho que tinha aquele acontecimento histórico na boate com o fato de Dani ter descoberto a verdadeira identidade de seu mais novo admirador secreto, ele continuou.

Falou sobre seu vizinho e amigo Roberto, que morava no apartamento abaixo do dele, e cuja mãe era amicíssima da mãe de Daniela. Em uma das cartas com um poema que ele enviou, ele colocara o remetente do apartamento de Roberto no envelope. Diz ele que era para disfarçar, chamar a atenção de Dani para um falso admirador. Mas para mim ele queria mesmo ser descoberto, mas nunca confessou isso.

- Eu achei linda a sua atitude, Gabriel – disse Raquel, mãe de Roberto, a Gabriel, depois que ele mesmo confessara a ela que era ele o autor das cartas, ainda mais depois que a mãe de Dani ligou para ela no intuito de averiguar uma possível paixão de Roberto ou até mesmo de seu irmão caçula, o Dudu, por Daniela. – Só não gostei de ter envolvido meus filhos nisso.

- Poxa, Raquel, foi mal. Foi sem querer. É que o envelope eu peguei emprestado com o Roberto e nem percebi que ele tinha posto o remetente.

- Sei...

- É sério!

Era mentira.

- Mas, taí! Gostei! Tô torcendo. Tomara que vocês fiquem juntos.

Na verdade, muita gente torcia a favor. Até mesmo a família de Daniela. Ela tinha dois irmãos caçulas, que simplesmente adoravam Gabriel, que sempre gostou de crianças. E seus pais, ah, viam em meu amigo um bom partido para sua filha. Boa família, boa educação e sobretudo boas intenções.

Mas, infelizmente, a principal envolvida nisso tudo não estava nem um pouco interessada, para o desespero de meu amigo. E a partir daquela ocasião, ela sumariamente passou a ignorá-lo. Evitava ao máximo falar com ele, até mesmo se aproximar. E isso durou semanas!

A cada dia ía se aproximando a data da sua festa de quinze anos. Seria o acontecimento do ano naquele clube, bem, para as pessoas do clube, uma vez que a festa seria realizada numa linda casa de festas. Todos comentavam a respeito, falavam dos convites... todos menos meu amigo. A própria mãe de Daniela falara pessoalmente com ele que enviaria o seu convite mas até o dia da festa, nada chegou.

- No fim de semana antes da festa ela participou do encontro de adolescentes – disse Gabriel. – Sabe, eu mesmo já tinha feito Encontro e trabalhado em alguns outros, inclusive ia trabalhar naquele, mas eu já tinha enchido a paciência. Sabe, no fim do Encontro tem sempre festa, a maior confraternização com todos os amigos e os pais. Eu fui ver a festa, mesmo porque eu tinha que vê-la. Eu escrevi uma última carta pra ela, mas dessa vez assinei e pus no envelope que ela receberia com várias mensagens. Disse isso e aquilo, sabe, me abri mesmo, e disse que sabia que ela não me amava mas que eu me contentava em amá-la, que apenas em tê-la por perto me faria bem e que ela não me ignorasse por isso.

- E funcionou?

- Claro que não. Sequer veio falar comigo. Ficou me olhando de longe, bem séria. Acho até que devia estar desejando nunca ter conhecido.

Era realmente constrangedora e até mesmo desesperadora a situação dele. O dia da festa havia chegado e nada de seu convite. O Roberto, aquele vizinho e amigo dele cuja mãe era amicíssima da mãe de Daniela, havia sido convidado, assim como toda a sua família, mas simplesmente ignorava o convite, dizendo ter outra festa e que, se Gabriel quisesse, poderia ir a festa com seu convite.

- Mas será que é uma boa idéia eu ir mesmo sem ter sido convidado? – questionou Gabriel à Raquel enquanto conversavam àquele fim de tarde antes da festa.

- Não sei... Faz o seguinte: vai pra casa e espera um pouco enquanto eu ligo pra Gracinha e falo com ela.

Gabriel se assustou. – O que você vai falar?!

- Calma. Vai lá e espera eu te chamar.

E assim, meu amigo subiu pra sua casa. Dez minutos depois o interfone tocou. Era Raquel:

- *Nada feito.*

Foi como uma bomba estourando sobre a cabeça de Gabriel.

- *Desce aqui pra eu te contar.*

Ele desceu.

Raquel explicou que ligou para Gracinha – mãe de Dani – e puxou assunto sobre a festa, perguntando sobre os preparativos e tudo mais. Depois revelou que estava mesmo ligando por causa de Gabriel, que estava um tanto triste – e um tanto era lisonja – por não ter recebido o convite depois que a própria Gracinha o convidara verbalmente.

- E aí? – Gabriel adiantou-se.

- Bem, ela me disse que tinha te convidado sim, mas não mandou o convite a pedido da Dani, que achou que se você fosse mesmo convidado, poderia estar te dando falsas esperanças...

- Hã?!

- Isso mesmo. Achei até legal da parte dela. Mas eu disse que você estava ansioso, todos seu amigos iam na festa... Aí ela me disse pra eu te levar sim que ela ia por seu nome na porta.

- Então! – a voz de Gabriel expressava a esperança de uma luz no fim do túnel.

- Péra aí que tem mais: quando ela disse isso, ela se interrompeu e eu pude perceber que ela táva falando com a Dani. Logo depois ela se voltou pra mim e disse que era melhor mesmo não te levar.

E a tal luz no fim do túnel se apagou solenemente.

- Olha, não vai ser o primeiro nem o último fora que você vai levar na vida. Sabe, eu acredito veementemente que Deus escreve certo por linhas tortas. Se não é pra vocês dois ficarem juntos, é porque não é. De repente vocês iam ficar e iam acabar não se gostando, se magoando...

Coisa que para meu amigo seria impossível!

- Entendeu?

- Mas eu até já comprei um presente para ela!

- Então guarda para outra pessoa; não tem nada a ver dar para ela.

- Mas são flores. Rosas...

- Ah, flores tudo bem. Todo mundo dá flores. Faz o seguinte, pega lá as flores e escreve um cartãozinho assim, simples, pra ela. Assinando como amigo. Garanto que ela vai gostar.

- Cê acha?

- Tenho certeza! Se você quiser eu até tenho uns cartõezinhos aqui. É só escrever. Mas nada de se declarar mais; você já fez isso em excesso. Escreve apenas assim: “Para a Dani, com carinho do amigo Gabriel”.

O que mais ele poderia fazer?

Aquela noite Gabriel praticamente não dormiu. Estava triste e magoado. Não era uma dor física – apesar de seu coração doer -; era uma dor na alma.

No dia seguinte ele foi logo cedo – bem nem tão cedo – saber de tudo com Raquel; tudo o que lhe interessava, claro.

- Bem, a festa estava o máximo, tudo muito lindo! – disse Raquel a Gabriel. Mas ele não queria saber desses detalhes – que eram verídicos, devo dizer; a festa estava maravilhosa mesmo. Ele nunca iria ter uma lembrança da festa, por mais que sua imaginação pudesse ser aguçada pelos comentários de terceiros. O que importava no momento era se suas flores, pelo menos, foram entregues. – Então. Logo na entrada tinha uma recepcionista que pegava os presentes – explicou Raquel. – Ela disse que eu podia entregar as flores pessoalmente, mas eu disse que eram de outra pessoa, que preferia que ficassem ali. Mas não se preocupa não que ela as recebeu.

- E aí?

- Depois eu e o Dudu fomos cumprimentar a Gracinha e eu disse que tinha levado suas flores. Quando eu falei no seu nome a Dani apareceu e perguntou se você tinha ido.

- E o pior – contava-me Gabriel – é que eu não sei de que forma ela perguntou isso. Se com curiosidade; se com surpresa; se com alegria; se com raiva...; se com nojo...

Bem, eu não estava presente, mas posso garantir que com nojo ela não falaria dele. Conheço a minha amiga. Isso ela não faria.

- É foda... E a mãe do Roberto ainda me disse que na hora da valsa, para representar os amigos, foi chamado o Xexéu pra dançar com ela. Aquele moleque galinha, babaca...

- Eu táva lá, esqueceu? E o pior é que ele foi o primeiro cara com quem ela ficou.

- Aquele filho da puta?!

- Mas não se liga não que eu já queimei o filme dele com ela. Disse que ele faz uma listinha com notas de todas as garotas que ele já ficou. E que a nota dela foi baixíssima porque ela era muito inexperiente.

- E aí?

- E aí que a cara dele deve tá ardendo até hoje com o tapa que ela deu na cara dele na frente de todo mundo.

Nesse instante eu pude ver os olhos de meu amigo brilharem. Se Dani não quis nada com ele, pelo menos ela era inteligente o suficiente para também não querer nunca mais algo com aquele imbecil.

- Mas e aí? Acabou? – quis saber.

- Bem, no sentido mais claro da palavra posso dizer que sim. Desde aquele dia ela nunca mais mesmo falou comigo, nem sequer me dirigiu a palavra. Passou um ano, ela fez aniversário de novo e...

- Pode deixar que dessa vez não teve festa.

- Eu sei. Eu até mandei um fax para ela, desejando felicidades e assinando como “o amigo Gabriel Oliveira”. E sabe o que ela fez? Me mandou um fax cinco minutos depois agradecendo e também me desejando feliz aniversário. Vê se pode!

- Eu lembro. Ela me explicou que quando recebeu seu faz pensou que fosse de um outro amigo dela que também se chama Gabriel, só que *Oliveira*.

- Sei...

- Não, é sério. Eu sei quem é esse cara. É até daqui do clube, mas vem pouco. Um alto assim, moreno.

- Não sei quem é não. Em todo o caso, nunca mais nos falamos.

- É, é barra mesmo. Mas pode deixar que eu vou te ajudar.

- Olha lá o que tu vai fazer...

- Pode deixar. Você vem à boate hoje a noite?

- Venho sim. Você vai tocar?

- Acho que sim. Vamos ver.

Mas eu não estava preocupado com isso; tinha coisas mais urgentes a resolver. Precisava fazer algo por Gabriel; afinal, ele era meu amigo. E Dani minha melhor amiga. E amigos meus não podiam ser inimigos. Bem, inimigos é até bastante forte. De qualquer modo, ficarem sem se falar, naquele clima, era horrível.

Fui para a casa da Dani direto dali. Conversamos bastante, contei-lhe a respeito de Gabriel, mas claro, sempre enfatizando que ele nada tinha a ver com aquela história, que eu estava ali por livre e espontânea vontade. E era verdade.

Ela me falou sobre seus medos, que gostava de Gabriel, mas nada mais sentia por ele do que estima, e estava muito arrependida do que havia feito, de tê-lo desconvidado para sua festa há dois anos. E ela ainda me surpreendeu afirmando que apenas não falava com Gabriel porque pensava que ele ainda estava chateado com ela – o que era verdade – e que tinha raiva dela – o que era muito mentira.

Esclareci tudo com ela e disse que Gabriel nada mais sentia por ela, além também de estima e amizade – muito embora eu ache (e isso eu não revelei a Dani) que ele ainda seja apaixonado por ela, embora negue de pé junto. Coisas do coração...

Quanto a Dani, ela prometeu pensar muito a respeito. E combinamos de nos ver a noite, no clube.

Eram dez horas e o clube como de costume estava abarrotado de adolescentes, entre treze e vinte e um anos, todos ávidos por uma noite de dança, música, paquera e muita diversão.

Eu estava com Gabriel e Allan perto da boate, conversando sobre as novas tendências musicais da época quando Daniela se aproximou de nós. Todos ficamos calados, Gabriel mais do que qualquer um, até que Dani abriu um belo sorriso e me cumprimentou com um beijo e um forte abraço. Também cumprimentou Allan, mas mais formalmente, Gabriel sempre observando sem graça. Mas para a surpresa de meu amigo ela lhe sorriu e disse um “oi” tímido.

Pronto, ali estava. A primeira palavra oficial em dois anos. Uma única palavra, era certo, mas que significava muito para ambos.

- Oi nada! – declarou firmemente Gabriel, chegando a assustar Dani, e a mim também, que esperava uma recepção mais calorosa dele. – Quero um beijo e um abraço também! – ele completou, para o nosso alívio geral.

Ela sorriu mais ainda e o abraçou.

Eu e Allan ficamos observando até notarmos que era hora de nos afastar e irmos para a boate. O abraço dos dois era intenso, bonito, mas com um atraso de quase três anos. Mereciam curtir aquele momento.

- Pô, foi mal esse tempo todo assim – disse Dani. – É que eu sou teimosa e boba.

Ele a encarou. – Boba nada; eu é que sou chato demais.

- Olha, tem um negócio que eu tô querendo dizer há um tempão; sobre aquele fax que você me mandou ano passado...

- Eu sei, você pensou que era um amigo seu.

- Juro que pensei. É que o sobrenome dele é muito parecido com o seu.

- É, o Henrique me contou.

Os dois ficaram em silêncio um instante, estudando suas feições. Há muito tempo não ficavam assim, cara a cara, e precisavam voltar a se conhecer. E tinha muita coisa ainda a ser dito. Como por exemplo:

- Me perdoa? – pediu Dani.

- Você não tem nada de que ser perdoada.

- Mas...

- Eu juro; não tem.

Claro, as marcas do passado nunca seriam apagadas; as cicatrizes no coração estariam sempre ali para comprovarem o ferimento. Mas guardar rancor nunca fez bem a ninguém e ambos sabiam que perdoar era preciso.

- Vamos dançar? – sugeriu Gabriel ao ouvir que a música da boate, enfim, havia começado.

- Claro!

E os dois foram.

Sabe, eu até que queria que eles se dessem bem e acabasse ficando juntos, mas eu sei que isso é difícil. Pelo menos agora. Daqui a dois meses ela vai para os Estados Unidos ficar um ano no intercâmbio. Se depois desse tempo todo eles ainda se derem bem, e sentirem que uma relação possa surgir daí, quem sabe? O importante é o momento. Se o destino quer que eles se dêem bem como amigos, é porque é assim que tem quer ser. Coisas do coração... Meu trabalho aqui acabou. Agora, é só a musica!